

CINEMA CARTOGRÁFICO: REGIONALIZAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO NO SERTÃO SERGIPANO

Jessica Gonçalves de Andrade

Doutora em Difusão do Conhecimento e
Pedagoga do Instituto Federal de Sergipe. E-mail:
jessicagandrade@gmail.com

Resumo: Cinema, arte, educação, comunidade, sertão. Estas são algumas das palavras que mais aparece neste texto, que trata de uma pesquisa concluída cujo objetivo foi proporcionar uma imersão cultural, estética e artística através do cinema para os alunos do Instituto Federal de Sergipe (IFS) Campus Nossa Senhora da Glória e comunidade entorno. Exibimos seis filmes para comunidade que trataram de contextos “subjetivos”, “menores” que inevitavelmente criam um panorama nos espaços em que esta comunidade está inserida. Buscamos discutir e refletir com a comunidade sua memória coletiva e, também as que foram inventadas com a execução deste projeto, considerando sempre sua regionalização e territorialização. Para tanto produzimos o filme documentário “SER-TÃO”, uma espécie de filme ensaio, metalinguístico, acerca da memória coletiva da região que foi apresentado para a comunidade. Observamos que a fronteira entre o cinema e a educação é algo invisível, pois ambos associam a tensão entre o acreditar e o duvidar, verdadeiro e falso, ou seja, tanto o cinema quanto a educação provocam uma postura crítica e questionadora da dúvida. Destacamos a necessidade deste projeto por se tratar de uma experiência de cinema na escola que traz para a comunidade escolar a noção de coletividade e a construção social do conhecimento a partir da arte.

Palavras-Chave: Cinema. Educação. Cidadania. Estética. Sertão.

INTRODUÇÃO

Observamos que a fronteira entre o cinema e a educação é algo invisível, uma vez que ambos associam a tensão entre o acreditar e o duvidar, ou seja, tanto o

cinema quanto a educação provocam uma postura crítica e questionadora da dúvida. Compreendemos que é desse conflito que emerge o conhecimento e a imaginação e que, quando no ambiente escolar, a probabilidade de desestruturar crenças e desconstruir juízos de valores se transforma em uma experiência de rever o mundo e nós mesmos. Para Adriana Fresquet (2015), os filmes quando estão diretamente ou indiretamente vinculados aos currículos escolares, ampliam o conhecimento do mundo, de espaços, tempos históricos, de modos de viver, concepções de mundo, perspectivando o próprio ponto de vista em cada filme.

Deleuze (1999) fala do cinema como um “Ato Criador”, afirmando que quem o cria faz por prazer, por uma necessidade de vida. Segundo esse autor, o ato de criar surge como potência de expressão de um acontecimento. Assim, pensamos que um cineasta produz um filme, pois sente a necessidade orgânica de criação dessa narrativa, algo relacionado à própria existência. O objetivo daquele que cria é compartilhar sua visão da vida, de algo que lhe é ímpar e singular.

Compreendemos o cinema como uma arte que dialoga com o universo que quer representar. Ao assistir um filme, o espectador se depara com a ruptura da ilusão de realidade, o que o leva à reflexão acerca

do seu mundo e de si mesmo. Considerando o cinema como um ato criador que se atenta ao novo e às multiplicidades é que surge o projeto “Cinema cartográfico: regionalização e territorialização no sertão sergipano”. Nosso objetivo principal foi proporcionar uma imersão cultural, estética e artística através do cinema para os alunos do IFS Campus Nossa Senhora da Glória e a comunidade do entorno. Torna-se importante salientar que, diante destes diversos contrapontos quanto às teorias de cinema, tentamos aqui refleti-lo enquanto arte em uma das suas mais potentes características: a estética.

Pensando nisso é que, aqui, buscamos exibir filmes que tratem da realidade do local que seria exibido. Observando o cinema enquanto um campo de forças singulares, de modo que podemos criar um paralelo entre o filme exibido e os espectadores que ambas as formas de fazer filme agregam.

Nosso propósito foi de expor filmes em comunidades do supracitado município, a fim de proporcionar uma experiência estética aos espectadores sem a obrigação de discussão política ou social, apenas no sentido de pensarmos o cinema enquanto arte que merece ser contemplada como qualquer outra.

MATERIAL E MÉTODOS

Tecer um projeto é, sem dúvidas, um momento de solidão, de repetição e de amizade (FERNANDES, 2013). Quando falamos de cinema cartográfico pensamos em um projeto que levasse cinema a comunidades que não tivesse acesso a esta arte, em uma perspectiva da metodologia cartográfica aqui tratada como premissa que procurou

desenvolver práticas de acompanhamento de processos aos quais desvencilham-se de métodos rígidos que buscam representar o objeto, retirando-o de seu fluxo e separando-o do sujeito.

A metodologia cartográfica se apresenta aqui como ferramenta valiosa de investigação, exatamente por compreender a complexidade das subjetividades contidas nos encontros em que os filmes eram exibidos. Mais do que delimitar um procedimento metodológico, aqui, utilizaremos a cartografia como uma maneira de conceber esta pesquisa, em uma postura epistemológica e de vida, em uma atitude, justificando, assim, o encontro destes pesquisadores com seu campo.

A cartografia é um conceito referente às metodologias de produção do conhecimento apresentado por Deleuze e Guattari (1995). Estes autores observaram a necessidade de criar caminhos metodológicos diferenciados para investigar processos de produção de subjetividade. Neste sentido, esta metodologia vai além da distinção quantitativa/qualitativa, uma vez que nela cabe a inclusão de dados de ambas as naturezas, no sentido de que elas estejam sempre propondo o acompanhamento de um processo. Um dos objetivos ao utilizar a cartografia é observar os impasses em aberto relativos à adequação entre a natureza do problema investigado e as exigências do método, de modo a investigar processos sem deixá-los escapar.

A cartografia nasce a partir da noção de rizoma, conceito criado por Gilles Deleuze e Felix Guattari e que, posteriormente, será trabalhado aqui. Um dos princípios da cartografia é a experimentação ancorada

no real. Estes autores denominam esta metodologia como cartográfica porque em um mapa nada se decalca, não há um sentido exclusivo para a sua experimentação nem uma mesma entrada. A cartografia é composta por um campo metodológico menos cartesiano, onde podem transitar as vozes dos sujeitos envolvidos, pois uma realidade sendo cartografada se apresenta como mapa móvel, de modo que tudo aquilo que pode aparentar uma mesma coisa, na verdade, é um concentrado de significação, de saber e de poder.

A relação aqui estabelecida entre cartografia e cinema acontecem, pois nem as pesquisas nem o cinema cartográfico se fazem de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. Não se trata de uma ação sem direção, pois a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. A reversão, então, afirma estar na orientação metá (reflexão, raciocínio, verdade) hódos (caminho, direção) para um hódos-metá (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2009).

Entre os aspectos que observamos nos encontros das exposições dos filmes, e que nos faz afirmar que o cinema pode ser cartográfico é o fato dele ter percorrido um território muito mais subjetivo de fala e afetos e muito menos geográfico. Apesar de termos como objetivo principal proporcionar uma imersão cultural, estética e artística através do cinema para os alunos do IFS Campus Nossa Senhora da Glória e comunidade do entorno, inevitavelmente, a cada exposição dos filmes buscamos problematizar junto aos sujeitos

envolvidos situações diversas percebidas no coletivo de forças em cada exposição.

É importante ainda considerar que, após cada exposição fílmica, era passado um questionário, previamente construído, para obter mais informações daquele público. Este fora de fundamental importância para entendermos mais sobre o território que nos encontrávamos e fundamentar ainda mais nosso projeto.

Pensando o cinema como um cinema-intervenção, o qual acompanha processos e dissolve o ponto de vista de quem cria a partir dos múltiplos olhares do espectador, suscitando novas e potentes criações, é que a cada exposição realizada, combinamos com alguns sujeitos presentes “entrevistas” para que estes expressassem sua experiência com o cinema em sua vida. Além das entrevistas, compilamos no produto final, um curta o qual leva o nome de “SER-TÃO”, com diversas imagens das comunidades.

Pensamos que o ato de pesquisar cientificamente é muito parecido com o ato de fazer um filme. Pré-produção, produção e pós-produção se assemelham ao projeto da pesquisa, desenvolvimento da escrita e publicação. A cartografia desenvolve práticas de acompanhamento de processos, as quais estão separadas dos métodos rígidos que buscam representar o objeto, retirando-o de seu fluxo e separando-o do sujeito. Neste método, a realidade é concebida como um mapa móvel, assim, recusa o dogmatismo científico que busca uma verdade absoluta, uma unidade, uma representação. Assim, a partir desse método, compreendemos as possibilidades de acompanhamento

de movimentos da complexidade da subjetividade presente no campo do cinema (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2009)

Salientamos que esta pesquisa teve um planejamento pré-organizado, mas conforme sua própria metodologia, pudemos revisar os procedimentos metodológicos sempre que fora necessário.

Tratamento e amostragem

No período que compreende os meses de abril a julho de 2019 fizemos a leitura, discussão e fichamento juntamente com a aluna bolsista dos textos de Jean Claude Bernardet “O que é cinema” e o texto do Ismail Xavier “Campo de migrações: Fabiano, Maniel e Ranulfo e os anônimos do sertão”.

As decisões de quais filmes seriam exibidos foram feitas através de análises entre nossa equipe de projeto, estas ações foram realizadas entre os meses de setembro e novembro de 2017. Assim, decidimos os filmes que foram exibidos para a comunidade externa. Decididos os filmes, conseguimos fazer o primeiro roteiro fílmico do produto que nos propomos entregar junto a este relatório.

Em janeiro de 2018 fizemos a primeira exibição do filme “Divertidamente” para crianças envolvidas em outro projeto parceiro. A animação exibida põe em conflito alguns sentimentos da personagem principal em tomadas de decisão, sonhos e desejos, de modo que esses sentimentos entram em conflito sobre como lidar com essa nova situação. Após a exibição deste filme, fizemos a discussão com as crianças.

Em março de 2018 houve a segunda exibição de filme para a comunidade interna

do IFS. “As Sufragistas” foi o filme exibido naquele momento, o qual trata do movimento feminista das sufragistas em 1897 em prol do direito do voto feminino. Após a exibição do filme houve uma discussão acerca da importância dos movimentos de luta de grupos de minoria para a conquista de direitos.

Em maio fizemos a exibição do terceiro filme “Vou rifar meu coração” para comunidade externa do Povoado Tanque de Pedra, localizado em Nossa Senhora da Glória. Este documentário tem como personagens pessoas comuns e cantores da música brasileira, que são entrevistados acerca do lugar da música como trilha sonora da vida daquelas pessoas. Após a exibição, abrimos para a discussão acerca do filme onde todos os envolvidos participaram efetivamente.

Em junho de 2018 fizemos entrevistas com algumas pessoas que participaram da exibição dos filmes, para compor material de acervo para a produção do filme “SERTÃO Cartográfico”. Em julho de 2018 fizemos mais duas exibições de filmes para a comunidade interna. Primeiramente, foi exibido o filme “Extraordinário”, que trata de um garoto que nasceu com uma deformidade facial que fez com que ele passasse por 27 cirurgias plásticas e aos dez anos este garoto começou a frequentar a escola regular e inicia, ali, as questões acerca da não aceitação pelos colegas. Com o intuito de discutir questões ligadas a bullying e diferenças no ambiente escolar escolhemos este filme e fizemos uma discussão entre os presentes.

A última exibição realizada foi em uma escola estadual da cidade, em uma turma do oitavo ano do ensino fundamental. Lá, foi

exibido o filme “As Vantagens de Ser Invisível”, o qual trata de um jovem tímido se esconde em seu próprio mundo até conhecer dois amigos que o ajudam a viver novas experiências. Ainda no mês de julho fizemos a edição do primeiro corte do filme “SER-TÃO”.

RESULTADOS

Durante a execução das atividades junto à comunidade externa, após a exibição dos filmes, passamos também um questionário para os espectadores que nos proporcionou algumas informações que compõem alguns dados para discussões.

A primeira exibição do filme aconteceu para 37 pessoas, com idade entre 7 e acima de 21 anos, em que em sua maioria era do

sexo masculino.

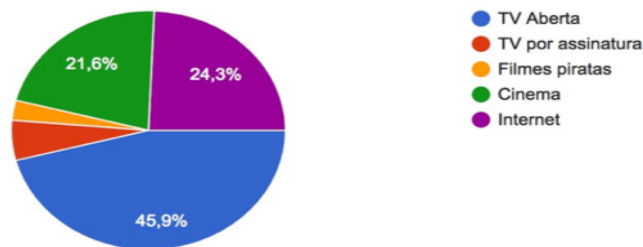
É importante perceber que dentre os dados construídos pelas respostas indicadas dadas pelos espectadores, percebemos que mais de 70% daquelas pessoas já foram ao cinema, mas ainda o lugar que mais assiste filme é em casa. Uma das razões possíveis da maioria deste público já ter frequentado cinema é que em Nossa Senhora da Glória há salas de cinema.

Ressalta-se que os dados acima estão conectados com o gráfico abaixo que demonstra que o acesso aos filmes de mais de 45% daquelas pessoas é em casa, com a TV aberta. Isso se explica pois se trata de uma comunidade desprovida de grandes recursos financeiros o que impede que tenham acesso a TV fechada, por exemplo.

Gráfico 1- Como você tem acesso a filmes?

Como você tem acesso a filmes?

37 respostas



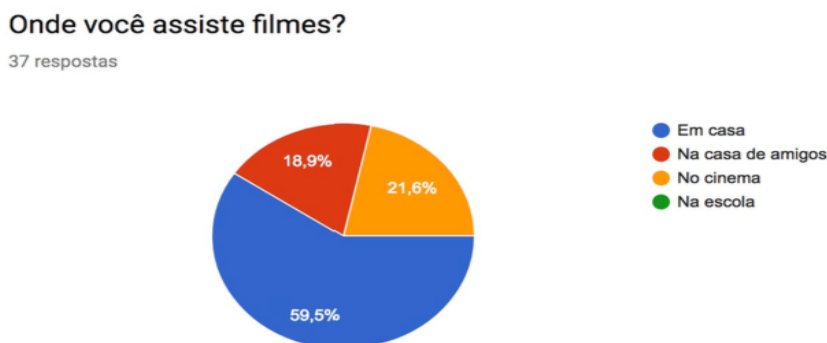
Fonte: elaborado pela autora.

A segunda exibição de filme junto à comunidade nos traz dados bem diferentes da primeira exibição, uma vez que se trata de um público diferente do primeiro. Esta exibição foi realizada em uma comunidade rural no povoado Tanque de Pedra, em Nossa Senhora da Glória, ressaltando que a maioria dos participantes (75%) eram adultos com

idade superior a 21 anos, em sua maioria mulheres.

Nesta segunda exibição, pouco mais da metade (52,6%) do público que respondeu o questionário afirmou que já havia ido ao cinema e a grande maioria (89,5%) também assistia com frequência filmes em casa (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Onde você assiste filmes?



Fonte: elaborado pela autora.

A última exibição nos trouxe dados parecidos aos da primeira exibição, pois, o público era similar (alunos de escola pública). Dentre os 24 alunos que assistiram ao filme, metade era do sexo feminino e metade masculino. A maioria (58,3%) tinha entre 11 e 14 anos e 15 e 17 anos (37,5%), apenas um aluno tinha mais que 21 anos, oscilando pouco na diferença de idade.

A maioria do público que participou desta exibição (75%) considerou já ter ido ao cinema, mas novamente a grande maioria também costuma assistir os filmes em casa.

Finalmente, convém considerar uma pergunta específica do questionário que diz respeito ao que os espectadores considerariam arte. Dentre as opções dadas colocamos Pintura, Escultura, Dança, Teatro, Cinema, Música, Fotografia, Literatura e Videogame. Esta pergunta foi feita para conseguir observar se as pessoas consideram o cinema uma arte. Apenas uma pessoa de cada sessão exibida considerou o cinema como arte.

DISCUSSÃO

Diante da tessitura deste projeto, percebemos que o cinema ainda é considerado

entretenimento pela grande parte dos sujeitos de pesquisa, diferentemente da pintura e a escultura que são as artes mais difundidas na escola e na mídia enquanto obra de arte em si, e, talvez, por isso a grande maioria dos sujeitos consideraram estas como arte.

O cinema, por sua vez, vem de uma indústria de massa que o trata como entretenimento e não como arte. Além disso, convém considerar que a escola leva o cinema para a sala de aula, muitas vezes, apenas como instrumento pedagógico, didático, metodológico, por vezes para ilustrar um tema específico. É neste sentido que se dá a importância deste projeto, ao exibir filmes tivemos como objetivo proporcionar uma imersão cultural, estética e artística através do cinema para os alunos do IFS Campus Nossa Senhora da Glória e comunidade entorno. Este objetivo não foi aleatório, pois nosso desejo foi difundir o cinema enquanto arte de contemplação estética, ainda que inevitavelmente caíamos na necessidade de interpretar, discutir e analisar o filme exibido.

CONCLUSÕES

Os paralelos que aqui fazemos entre o

cinema e a cartografia não têm a pretensão de construir uma totalidade, mas um conjunto de caminhos em conexão para desenvolver o conceito de cinema cartográfico a partir de uma estética específica.

Algo que pensamos ao formular este projeto foi pensar o sertão, território do nosso trabalho, enquanto sua territorialização, desterritorialização e reterritorialização. O que acontece é que o tempo de duração do filme vai além do tempo de exibição e se torna invisível e silencioso dentro de nós. Entre as linhas de fuga nossos afetos se movimentam, tornando nossa sensibilidade ainda intensa. A ideia de chamarmos este cinema de cartográfico nos fez propor e produzir um filme que chamamos de “SERTÃO – Cartográfico”. Este filme tenta afastar a existência de um eixo genético ou estrutura profunda e tampouco busca seguir a ordem da reprodução. O que observamos é a criação de um cinema-rizoma que, a partir das conexões, heterogeneidade, tramas, conectividade, afasta da ideia dicotômica de bom-mau. Um cinema cartográfico, pois se posiciona sem uma ordem estabelecida de começo, meio e fim, e é neste viés que percebemos a estética permeada nos filmes analisados.

Podemos, assim, falar em uma “estética cartográfica” por se tratar de um cinema-intervenção, o qual acompanha processos e dissolve o ponto de vista de quem cria a partir dos múltiplos olhares do espectador, suscitando novas e potentes fabulações. A premissa principal é o “cinema incompleto”, no qual é o espectador que deve construir a história filmica a partir de dados elementares contidos no filme, usando sua percepção

sensorial ótica e sonora.

Pensamos o cinema cartográfico como um cinema em que ao mesmo tempo analisa, descreve, intervém, cria e transcende, de modo que não existe uma ordem nessas ações, pois elas acontecem em um plano em que tudo se comunica. Esperamos que este projeto possa contribuir com a área do cinema, audiovisual e educação, ligando as questões filosóficas a partir do cinema enquanto arte, em um viés interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs — capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G. **Cinema 1: A imagem-movimento**. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DELEUZE, G. **O ato de criação**. Tradução de José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, São Paulo: 27 jun. 1999.

FERNANDES, R. **ESTUDO — EM 3 ATOS**. 36a Reunião Nacional da ANPED, Goiânia, GO, 2013.

FONSECA, T. M. G.; KIRST, P.G. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.